

A Eucaristia e a Missão da Igreja

Uma reflexão sobre a *Sacramentum caritatis* de Bento XVI

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

Faculdade de Teologia (UCP) – Porto

A Eucaristia¹ está no centro da missão da Igreja e a missão da Igreja tem no seu centro a Eucaristia. Este podia ser o resumo da exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. Eis as suas palavras: “Aquilo que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e de acreditar n’Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão (...) A própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão da Igreja: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3, 16-17; Rm 8, 32)”². Esta afirmação central do texto recolhe o seu propósito inicial, antropológico e pastoral: mostrar a Eucaristia como sacramento da caridade, daquela caridade que o Cristo instituiu na sua Páscoa, quando “amou até ao fim” (Jo 13, 1). É a oferta amorosa

¹ O principal conteúdo deste texto provém de uma reflexão feita ao Clero da Diocese do Porto. Com muito gosto o vemos publicado no volume de homenagem ao Reverendo Professor Henrique de Noronha Galvão e o submetemos aos leitores da *Didaskalia*.

² BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 84. O texto oficial latino encontra-se em: *AAS* 99 (2007) 105-180. Citamos a versão portuguesa disponibilizada no Sítio Informático da Santa Sé, usando as iniciais *SC* seguidas do número.

de Deus que encontra e justifica a constituição íntima de cada ser humano, faminto e sedento de “verdade e de liberdade”³. Anote-se, desde já, a evidência da antropologia agostiniana, segundo a qual o que constitui o ser humano é o desejo ardente da vida e da verdade, que é muito comum no pensamento teológico do nosso actual Papa. Por outro lado, tal como na Encíclica “Deus é amor”, o propósito do texto não é o de propor uma verdade abstracta, visando a inteligência do homem, mas o de mostrar uma “verdade do amor” que é, ao mesmo tempo, a essência de Deus e a essência do homem. Esta verdade do amor eternamente disponível, visibilizada e realizada na encarnação, suscita o desejo de comunhão de todos os seres humanos. Cremos que é muito importante este ponto de partida, tendo em conta sobretudo o sentido experiencial e estético predominante na cultura em que vivemos.

O sacramento da Eucaristia compreende-se no centro desta dinâmica de encontro pessoa a pessoa em que Deus procura o homem numa história de salvação multiforme e o homem procura Deus, mais ou menos atentamente, às vezes equivocadamente. A Eucaristia é o sacramento da contínua disponibilidade e oferta de Deus à incerta procura humana. A Deus aprouve reunir em Igreja aqueles que, em Cristo, vão encontrando Deus e o seu Reino. A missão evangelizadora, santificadora e congregadora da Igreja encontra aqui o seu sentido e o seu estatuto. A Eucaristia é a forma contínua de aparição pascal que desperta a fé em Jesus e institui a Igreja como comunidade de abertura ao Reino.

A missão da Igreja e a Eucaristia têm de ser pensadas e vividas segundo este projecto. Mas nem sempre a Eucaristia e a missão têm sido pensados deste modo. O próprio documento hesita quanto a tirar todas as consequências deste propósito geral, assim brevemente enunciados. Vamos tentar enumerar, primeiramente, alguns caminhos com pouca utilidade para compreender a Eucaristia e a missão da Igreja, na base dela.

Compreender a Eucaristia a partir do Mesmo

Existe um caminho metódico para compreender a Eucaristia que se manifesta incapaz de a atingir na sua mais decisiva realidade. Chamamos a

³ SC, 2.

esse caminho uma compreensão a partir do Mesmo, usando uma linguagem comum na filosofia actual e que desse modo explica a tentativa de iluminar a realidade a partir dos recursos do sujeito e de uma razão solipsista. Entre as variantes desse caminho, podemos lembrar os que partem da transformação do pão e do vinho, do sentido fraterno da comunidade reunida, da comunicação estabelecida entre os crentes e Deus, segundo o modelo dos mistérios da história das religiões, ou mesmo da simbólica sacrificial do Antigo Testamento⁴. Esses caminhos têm as suas vantagens pedagógicas, mas falham o propósito de entrar no sentido mais profundo da Eucaristia. E podem-se ver algumas consequências teológicas dessa deficiente colocação do problema.

Partindo desses caminhos, vê-se a Eucaristia como uma realidade isolada no conjunto do mistério cristão. A realidade cristã é feita de palavra, sacramentos, missão, mas cada coisa destas pode ser vista independentemente das outras. Na vida pastoral, vê-se esta desarticulação, por exemplo, na prática de adorar o Santíssimo e a seguir celebrar missa, no mesmo espaço ou de isolar, na celebração, uma intenção de acção de graças a Nossa Senhora ou aos santos. A mesma coisa é visível no acto frequente de celebrar pelos mortos e pelas almas do Purgatório ou nas intenções pelo bom êxito das colheitas ou para pedir chuva no contexto de carência de água. Seria incorrecto dizer que estas práticas não podem ser reconduzidas a um universo de sentido. Mas é necessário encontrá-lo mais a montante.

Mais exemplos se podiam dar, assim de forma avulsa, entre os quais este que consiste em ver a Eucaristia como o sacramento da presença de Cristo no tempo da Igreja, um sacramento celebrado na ausência do Senhor, entre a sua primeira vinda e a sua última vinda. Mas, como pode o tempo da Igreja ser o tempo da ausência de Cristo? A Eucaristia, pelo contrário, é a celebração da sua presença e da acção do Espírito Santo que conduz a história e lhe dá uma densidade salvífica.

Continuando a mostrar alguns exemplos de visão incorrecta, nota-se a referência a que a Eucaristia é uma refeição escatológica, no sentido de uma antecipação da escatologia em que Cristo será tudo em todos. Este modo de ver pressupõe que o futuro escatológico é totalmente incomuni-

⁴ F.-X. Durrwell (1912-2005), o estudioso do mistério pascal de Cristo, enumera esses caminhos na sua obra: *L'Eucharistie, sacrement pascal* (Paris, Cerf, 1981), p. 12-26.

cável com o tempo presente e com a história terrestre de Jesus. Além disso, esta lógica coloca a Parusia de Cristo como uma manifestação final de Cristo que não tem outro significado salvífico que não seja encerrar a história da salvação. Mas não encontra nenhuma relação com a primeira nem com a segunda vinda de Cristo.

Há também uma compreensão difundida segundo a qual a Eucaristia reactualiza a acção salvadora de Jesus, porque dá aos fiéis acesso ao tesouro de méritos que adquiriu para nós o sacrifício da cruz. É uma afirmação cheia de mal-entendidos. Mas, os méritos não são exteriores à pessoa de Jesus nem podem ser distribuídos como quem reparte um bem armazenado. Isso é uma visão da obra redentora sem referência à ressurreição.

Alguma espiritualidade afirma que, na Eucaristia, os crentes adquirem força para a missão até ao martírio. A Eucaristia é vista como o alimento dos que desejam Deus ardentemente, como o pão dos fortes que partem para a missão. Neste sentido, a Eucaristia é um exemplo para o apostolado. Mas um exemplo meramente exterior.

Perdoe-se o carácter pouco articulado destes exemplos. Mas eles mostram um universo dentro do qual é impossível compreender a riqueza do mistério cristão. Toda esta religiosidade justaposta é sinal de uma desarticulação do mistério da fé e falha a compreensão da centralidade da Eucaristia. Esta prática revela um pensamento tabu, um individualismo e um devocionismo, vestígios de uma religiosidade primitiva, alheia a um pensamento verdadeiramente teológico, quer dizer a um pensamento a partir do Outro. A Instrução, pelo contrário, diz-nos com muita força: “O sacramento do altar está no centro da vida eclesial; ‘graças à Eucaristia, a Igreja renasce sempre de novo’ (...) Testemunha-o a própria história da Igreja: toda a grande reforma está, de algum modo, ligada à redescoberta da fé na presença eucarística do Senhor no meio do seu povo”⁵. Vamos tentar alguns caminhos dessa redescoberta para os dias de hoje.

⁵ SC, 6.

Compreender a Eucaristia a partir do Outro

F.-X. Durrwell escreve: “Tal é o método: para compreender é necessário partir do mistério de que a Eucaristia é expressão, de que é a visibilidade nas realidades deste mundo”⁶. O caminho para abrir o tesouro da Eucaristia só pode ser este do Outro presente no crente e celebrado na Igreja. Vamos apontar alguns passos para um diferente pensamento teológico da Eucaristia.

2.1. Vamos começar por esclarecer o caminho para uma diferente consideração doutrinal da Eucaristia. O filósofo Michel Henry, na sua obra póstuma *Paroles du Christ*⁷, dá-nos algumas sugestões definitivas de ideias suas que parecem muito úteis para colocar de outro modo a centralidade da Eucaristia. Ele propõe que se tenha em conta uma dimensão esquecida da linguagem que é justamente ser “linguagem da vida”. De que se trata? De maneira breve, trata-se de afirmar uma outra origem da palavra, não apenas a palavra que refere o visível, à maneira do *Logos* grego, mas uma palavra cuja origem é a própria Vida. Eis o que escreve: “*Com o cristianismo surge a intuição inaudita de um outro Logos – um Logos que é uma revelação, não já a visibilidade do mundo simplesmente, mas a auto-revelação da Vida. Uma palavra cuja possibilidade é a própria vida e na qual a vida fala de si mesma, revelando-se a si mesma – na qual a nossa própria vida se diz constantemente a nós*”⁸. A esta luz, podemos dizer que o modo teológico de compreender a Eucaristia, que expusemos anteriormente, é devedor do *Logos* grego da visibilidade e ignora totalmente a linguagem da Vida.

Para se compreender melhor o que se acaba de dizer, vejamos brevemente quais são as características desta linguagem da Vida. Estas vêm à luz por comparação com as características da “linguagem do mundo”. Esta última fala de algo que lhe é exterior, das coisas, que é incapaz de criar. Mesmo assim, resta-lhe a possibilidade de mentir ou de dissimular. A complexidade da ligação entre realidade e linguagem é objecto da hermenêutica, que desempenhou um tão importante papel na cultura moderna. Porém, a linguagem da Vida encontra-se a montante desta problemática

⁶ DURRWELL, *L'Eucharistie*, 33.

⁷ M. HENRY, *Paroles du Christ*, Paris, Seuil, 2002.

⁸ *Ibid.*, 94.

hermenêutica. Segundo o pensar de M. Henry, a palavra da Vida é uma “palavra de verdade”, pela sua diferente origem que não é a representação do real. Esta palavra é a palavra do sofrimento, ou da alegria, do desespero, ou de situações antropológicas semelhantes, nas quais não há distância entre o vivido e o enunciado. Nestas situações que se fazem palavra, a Vida revela-se a si mesma na própria experiência de sofrer, de jubilar, de agonizar. Ao contrário da linguagem do mundo, que refere uma realidade exterior a si, a palavra do sofrimento não disserta sobre o sofrimento; é adjacente ao sofrimento. Claro que alguém pode mentir, dizendo que sofre sem ser verdade. Mas nesse caso já estamos na linguagem do mundo.

Cremos que esta ideia tem muito interesse para uma teologia da realidade eucarística. É que a verdade da “palavra da Vida” não vem da palavra. Pelo contrário, vem da própria auto-revelação da Vida. A possibilidade da palavra da Vida vem da própria Vida. Deste modo, não há diferença entre a palavra e o que ela diz, entre o dizer e o dito, entre o enunciado e a enunciação. Michel Henry relaciona estas conclusões com a sua compreensão das fontes joaninas do cristianismo, segundo as quais se mostra a sua originalidade: a relação entre a Verdade e a Vida. A Vida é Verdade porque se revela a si mesma, colocando o fundamento de toda a verdade possível. Não seria evidente que toda a teologia da Eucaristia devia começar por aqui? É claramente afirmada uma ligação entre mística e teologia.

Como se processa esta auto-revelação mediante a qual a Vida fala de si mesma? Ao contrário da linguagem do mundo, que refere a exterioridade e a indiferença moral, a palavra da vida é um sentimento, uma patética, mediante a qual a vida se experimenta e se exprime a a si mesma. A palavra-vida não necessita de sinais (signos) diferentes de si para se fazer ouvir. Ela fala sem sair de si. A este falar sem sair de si, M. Henry chama “imanência”. Esta é uma afectividade originária, uma subjectividade patética que se experimenta e se exprime na imediatez e na indistância do significado. Sobre a Eucaristia e sobre a missão da Igreja pode haver uma linguagem do mundo. Vimos como é errática e periférica em relação ao mistério. É necessário fazê-lo preceder, primeiramente, de uma Palavra de Vida, de um sentimento de fé. De uma experiência fundadora da palavra. Antes disso, vamos ainda fazer duas observações complementares, de ordem espiritual e moral, que nos podem igualmente ajudar a situar a questão.

2.2. Uma espiritualidade eucarística é muito necessária para pensar a missão da Igreja radicada na Eucaristia. Mas também essa necessita de ser vista a uma luz diferente do habitual. A teologia espiritual necessita, por sua vez, de passar do universo do Mesmo ao universo do Outro, para continuarmos na lógica do nosso propósito. Segundo Emmanuel Levinas, ocorre pensar o desejo humano para lá do binómio desejo – necessidade. Partindo como Descartes da ideia de Infinito presente no espírito do homem, ele vai propor uma revolução no pensamento do desejo humano. Este não vai ser visto, como é tradição desde Platão, a partir da ideia de carência à procura de satisfação. A origem e a lógica do desejo tem de partir, não da ideia de necessidade, mas do não-lugar do Outro que sempre desperta o desejo sem nunca o colmar em definitivo. “O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela ideia de Infinito, produz-se como desejo. Não como um desejo que a posse do Desejável apazigua, como o Desejo do Infinito que o desejável suscita, em vez de satisfazer”⁹. A partir daqui se pensa a linguagem, não como “a ideia do Outro em mim” da analogia clássica, mas como o vestígio do Infinito que eleva o sujeito até à contemporaneidade do Outro, no seu mistério insuperável. Mesmo que Levinas já não nos acompanhe nesse passo, dada a sua ascese e renúncia em relação a exprimir o mistério do Outro, cremos que esta ideia é muito importante para compreender a oração cristã e a participação eucarística. É que a Eucaristia é uma forma permanente de aparição pascal em que Cristo glorioso condescende até se tornar próximo do crente, suscitando o seu desejo de comunhão, desejo e comunhão na qual lhe é dada a vida filial e a vida simplesmente.

2.3. Seria necessário dizer ainda uma palavra diferente sobre o pensamento ético. Também a ética necessita ser pensada a partir da óptica do Outro. Desde o período clássico que a ética foi pensada com base na ontologia. O refrão soa deste modo: “Torna-te aquilo que és!”. Na linha que estamos a seguir, a ética tem igualmente de ser concebida “de outro modo que ser”, ou seja, como hospitalidade do Outro, que cura, que eleva. Por isso, a ética começa e consuma-se na caridade que, antes de ser um manda-

⁹ E. LEVINAS, *Totalidade e Infinito*, Lisboa, Ed. 70, 1988, 37. Cf. I. BAPTISTA, *Capacidade ética e desejo metafísico. Uma interpelação à razão pedagógica*, Porto, Afrontamento, 2007, 110-148.

mento, é uma relação. A Eucaristia é celebração contínua da caridade, dessa proximidade de Cristo cuja companhia é a origem da liberdade e do bem. Esse é o outro nome da graça que livra do pecado pessoal e social.

A Eucaristia e missão da Igreja não se compreendem a partir de si mesmas. É necessário olhar o Outro porque aí se encontra a origem do discurso, da espiritualidade e da ética.

A Eucaristia e o Mistério Pascal

A Eucaristia compreende-se, pois, a partir de algo que a precede. Compreende-se a partir do próprio mistério pascal de Jesus, não a partir do pão e do vinho, nem da assembleia reunida, nem da simbólica dos seus elementos, nem do Antigo Testamento e da história das religiões com a sua teoria do sacrifício. Tudo isto é que se compreende a partir do mistério pascal de Jesus¹⁰. A Eucaristia compreende-se a partir de dentro, através da palavra-vida que se manifesta na fé. Este ponto é fundamental para o nosso propósito. Este ponto não é geralmente tido em conta na teologia nem na filosofia.

O que é o mistério pascal? Normalmente, responde-se que é o processo pelo qual Deus redimiou, em Cristo, os pecados da humanidade. Mas isso é uma visão muito pobre. O mistério pascal é o mistério de Jesus *ele próprio* que no drama da sua existência de morte, ressurreição e manifestação ao mundo, é consumado na sua identidade humana e divina. Esta afirmação necessitaria de uma grande explicação. Como a não podemos fazer, vamos aludir a alguns aspectos que estão implicados nela.

O primeiro que ocorre dizer é que a Páscoa de Jesus é a encarnação levada à sua plenitude. “Deus amou de tal maneira o mundo que lhe deu o seu Filho...” (Jo 3, 16). Na sua morte ressuscitante, o Filho de Deus está totalmente no mundo. A Páscoa de Jesus é a encarnação consumada e eternizada e é, igualmente, a parusia (epifania, manifestação) definitiva, eterna, final.

E qual é o sentido da morte de Jesus? Jesus não morreu pelos nossos pecados? Antes de chegar aí, é necessário afirmar que a morte de Jesus tem um significado existencial para ele próprio. É o acto supremo da sua liberdade humana, o momento em que Ele é o Filho de Deus no mundo. A Páscoa

¹⁰ Sobre este assunto, cf. DURRWELL, *L'Eucharistie*, 35-75.

de Jesus é obra do Espírito Santo, segundo o testemunho do Novo Testamento (Cf. Hb 9, 14). O Espírito Santo é acção, glória, santidade. Por isso, a história de Jesus, eternizada na sua morte – comunhão com o Pai, instaura na história do mundo o lugar da salvação e da criação. Nos seus gestos e palavras é a própria história de Deus com o homem que acontece e se faz visível.

E então a redenção? A morte de Cristo não é uma morte por nós e pelo mundo, não é um sacrifício redentor? A morte de Jesus é a redenção do pecado num sentido diferente. Ocorre entendê-la de outro modo que não seja uma explicação feudal da imagem bíblica do “preço do resgate”. Cristo é o nosso resgate na medida em que viveu livremente uma existência de aproximação ontológica a Deus, sem pecado e sem fracasso¹¹. Ele reparte connosco a redenção que nos inclui na comunhão ressuscitada com a sua pessoa. O pecado é o fracasso da liberdade. A sua superação é o robustecimento da liberdade.

A Eucaristia é presença do Senhor à sua Igreja, manifestando-se-lhe a partir da dimensão escatológica do mundo em que habita na sua ressurreição. Entregando-se-lhe no acto supremo de amor, Cristo é a origem da fé e da Igreja. A origem da eucaristia é a forma de presença do Ressuscitado, segundo a capacidade simbólica humana de comunicar e de compreender. A espiritualidade eucarística tem a sua raiz na comunicação da vida em abundância que desperta e cumula o desejo de comunhão e de liberdade. Não se pode compreender a Eucaristia sem esta referência à ressurreição. De um modo geral, a Eucaristia é compreendida somente em relação à morte de Jesus. Mas isso é uma compreensão imperfeita e recente. Pois desde a Idade Média que há testemunhos noutra sentido. “O corpo de Cristo tornou-se eucaristia pelo facto da ressurreição”¹². Demos ainda um passo adiante.

Cristo origem da Missão da Igreja

Como podemos compreender que a Páscoa de Jesus é a origem da missão da Igreja? Na sua Páscoa, Jesus é glorificado em Deus e enviado ao

¹¹ Jesus era de natureza humana e divina desde o seu nascimento. Mas “humanamente” quer dizer ao longo de uma história.

¹² PASCÁCIO RADBERTO, *De corpore et sanguine Domini*, V, 24, CCL CM, 16, 32.

mundo. É na sua pessoa, mais do que na sua palavra de mandato apostólico, que Jesus é o Evangelho para o mundo e a salvação do mundo. A Eucaristia é uma forma permanente de tomar no envio pessoal do Filho de Deus ao mundo. Isto pressupõe que a encarnação não acaba com a morte e ressurreição de Jesus. A encarnação é definitiva. Na Páscoa de Jesus, Deus fica eternamente no mundo e um homem habita eternamente na Trindade. Por isso, dizemos que na sua ressurreição, Jesus é o “eschatón” do mundo, o centro por vir da história, onde tudo começa e onde tudo se consuma. Na Eucaristia, Jesus visita a sua Igreja desde esta dimensão de profundidade e de porvir que, no entanto, pertence ao mundo como sua plenitude.

A Igreja é missão e tem missão, na própria missão de Jesus. A missão é algo que tem que ver com uma comunhão pessoa a pessoa, a pessoa do crente e a pessoa de Jesus. É Jesus quem evangeliza o mundo. É Jesus que salva o mundo. Ao crente é dado viver com Jesus esse mistério de salvação do mundo. Tudo no mistério cristão é de ordem pessoal e de ordem da relação. Não há bem salvífico que não seja relacional. A missão da Igreja tem de ser pensada neste contexto geral e fundamental. A Eucaristia é pois um sacramento de presença, de presença do Senhor no seu sacrifício humanizante e criador, e de comunhão dignificadora e congregadora dos filhos e filhas de Deus.

A *Sacramentum Caritatis* mostra o sentido missionário da Eucaristia em vários lugares. Nomeadamente, no comentário que faz à expressão tradicional “Ite missa est”¹³. Essa expressão, que era uma despedida dos catecúmenos e uma despedida do povo, evoluiu para um “expedir em missão”. Como explicar que a missão de Jesus seja a missão do crente e a missão da Igreja?

A Igreja é um só corpo com Aquele que por nós se tornou redenção (Cf. 1 Co 1, 30). A obra da redenção foi realizada inteiramente na Páscoa de Jesus. Mas a Igreja é associada à pessoa de Jesus, nesta acção redentora em favor de todos. Notemos que entre Cristo e Igreja não há distinção de funções, embora haja uma prioridade absoluta da acção de Jesus e uma dependência total da Igreja. “A Eucaristia é o sacramento dos esposais da Igreja e da sua maternidade universal. Unida ao Senhor num só corpo, na partilha da sua morte e ressurreição, ela ‘dá muito fruto’ em conjunto com o esposo”¹⁴. A mística Teresa de Lisieux compreendeu esta dimensão

¹³ SC, 51.

¹⁴ DURRWELL, *L'Eucharistie*, 165.

quando escreveu: “Ser a tua esposa, Jesus... ser pela minha união contigo, a mãe das almas”¹⁵.

Entre Cristo e a sua Igreja existe, portanto, uma relação de indistância (cf. Gl 2, 20). A presença, a palavra, a comunhão de Cristo são totalizadas, na dimensão definitiva da realidade em que vive. Não são, porém, nem de longe, totalmente assimiladas pela Igreja deste mundo. Daí a diferença. Podemos entender melhor isto se pensarmos na comunicação dos santos. A Eucaristia instaura a comunhão dos santos, numa relação de indistância entre os seres humanos: “Todos sois um só em Cristo Jesus...” (Gl, 3, 23). Essa indistância não é uma fusão. Pelo contrário, é uma comunhão que glorifica a identidade recíproca, como pessoas distintas e comunicantes. O mesmo se pode dizer da palavra apostólica. Dá-se uma traduzibilidade da palavra de Deus que se faz palavra apostólica, do mesmo modo que, nas origens da Igreja se fez palavra inspirada. A comunhão dos santos baseia-se num princípio libertador do mal e da divisão que impede a comunicação (pessoal, social e política) e o serviço entre os seres humanos. A Eucaristia é a expressão e a vivência sempre mais aprofundada desta promessa. “Estarei sempre convosco... (Mt 28, 20)”.

A Missão profética e apostólica da Igreja

A testemunha, o apóstolo, é sempre quem viu o Senhor na sua ressurreição. Seja qual for o tempo em que vive. Ora a Eucaristia é um sacramento parúsico, uma forma permanente de aparição pascal. Ninguém é testemunha por interposta pessoa. É necessário, de modo análogo com os Apóstolos da primeira hora, ver e encontrar o Senhor. O martírio reúne estas duas dimensões: proximidade com Cristo; pertinência do sinal. Na Eucaristia, os fiéis são o corpo de Cristo, e sendo-o, são mediadores da presença de Cristo ao mundo e da palavra de Cristo para o mundo. O fiel é encontrado, consagrado e enviado num só movimento. Aqui tem origem a eficácia evangelizadora. O apostolado não é um ofício de propaganda externo à pessoa. É a palavra do Espírito que vem ao espírito da pessoa apostólica, por muito pobre que seja a sua palavra audível.

¹⁵ Cit. in *Ibid.*, 166.

Mas há outro apostolado de profundidade, além deste mais imediato. A Igreja visível nunca atingirá toda a humanidade. Mas o Cristo, na sua Páscoa, encontra-se no coração do mundo. Aí é o acontecimento da salvação eternamente disponível. Mesmo desconhecido de muitos seres humanos, é o parceiro mais íntimo, o princípio em quem, e para quem, todos os seres foram criados. É por ele que cresce o desejo do bem, a consciência moral, o baptismo de desejo de muitos na hora da morte. Na humanidade glorificada de Jesus, primogénito de toda a criatura (Cf. Cl 1, 15-20), habita corporalmente a plenitude da divindade (Cf. Cl 2, 9). Os fiéis que tomam parte na Eucaristia não são os únicos que se salvam, mas são os únicos que o sabem desde já. A Eucaristia incorpora os fiéis a Cristo na sua proximidade universal, no acontecimento da salvação de todos. A Eucaristia é celebrada no contexto da Igreja mas é o ligame ao coração do mundo. Ela distingue dando o privilégio da consciência e da proximidade salvífica universal.

Digamos, neste contexto, uma palavra sobre o sentido da oração de intercessão, muito frequente por ocasião da celebração eucarística. Há um sentido em que a oração de intercessão não tem sentido. É o de informar Deus. Não tem sentido pedir a Deus o que nós próprios devemos fazer! Isso é alijar as responsabilidades, que pode ser ímpio se transferirmos para Deus a responsabilidade das coisas más que há no mundo e que são culpa nossa. Mas há outro sentido que é positivo. A oração é uma subida para Deus “*Elevatio (m)entis ad Deum*” (S. Boaventura). Assim é a redenção. É uma súplica ouvida por Deus em relação a Cristo e em relação a todos os que estão em Cristo. Unida a Cristo, a Igreja compartilha com o seu Senhor o mistério da súplica criadora e redentora e da sua cumulação.

Essa oração deve ser feita igualmente em favor dos mortos. Como? Cristo salva os homens permitindo-lhes morrer da sua (de Cristo) própria morte pessoal. A morte que é um completo acto de liberdade e de amor. A Eucaristia é a comunhão do corpo “entregue por vós”. A morte de Jesus é uma “descida aos infernos”, ou seja, no encontro com todos os homens na sua morte. À Igreja é dado o privilégio de viver com Cristo este mistério de proximidade com a morte de todos, os de antes e dos de depois de Cristo. E o Purgatório? Tem sentido celebrar missa por quem se encontra em purgatório? Sim. O purgatório é o sofrimento da liberdade humana renitente que se abre a Deus. A Igreja que celebra a Eucaristia pode, com Cristo, encontrar aqueles que vivem esta dolorosa coroação da sua liberdade. Cele-

brar a Eucaristia por uma pessoa defunta é, com Cristo, encontrar este ser humano na sua morte, ali onde Cristo é a Páscoa de cada um dos seres humanos. É ser, com Cristo, a mediadora da boa morte deste ser humano.

A Missão santificadora, reconciliadora e pacificadora da Igreja

Na Eucaristia, a Igreja vive a sua missão santificadora de modo eminente. “A Eucaristia é sacramento de comunhão entre irmãos e irmãs que aceitam reconciliar-se em Cristo, o qual fez de judeus e gentios um só povo, destruindo o muro de inimizade que os separava (Ef 2, 14). (...) Através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar a sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça”¹⁶. De que modo a Eucaristia implica os comungantes na justificação e na reconciliação?

Como recentemente chama a atenção J. Moltmann¹⁷, a justificação de que fala a Escritura é diferente daquela que falam as tradições católica e luterana, apenas ligadas à prática da penitência. Ora a justificação é feita de mais dimensões do que a penitência. A justificação, como a vê S. Paulo, está ligada à ressurreição e não somente à morte de Cristo (Cf. Rm 4, 25). Além disso, a ideia de justificação deve ser completada com a referência à praxis terapêutica de Jesus nos Sinópticos. Por sua vez, estas perspectivas devem, no entender deste pensador, ser lidas à luz da concepção veterotestamentária segundo a qual é “fazendo justiça aos que sofrem” que se pode também livrar os violentos da sua violência.

Estes pontos são muito importantes para compreender a função justificante da Eucaristia. A justificação não é somente um perdão da culpa humana dos culpados, mediante a morte de Cristo, na penitência sacramental, mas é também a elevação das vítimas da violência, mediante a ressurreição, qual comunicação definitiva da vida. Mediante um e outro momento, doloroso e consolador, Deus estabelece o direito e a justiça. A Eucaristia é, pois, uma forma contínua deste estabelecimento do direito e da justiça, mediante a cooperação humana em Cristo.

¹⁶ SC, 89.

¹⁷ J. MOLTSMANN, *No fim, o início. Breve tratado sobre a esperança*, São Paulo, Loyola, 2007, 71-74.

Não se pode, neste contexto, deixar de fazer alusão ao n. 29 da Exortação, em que se trata da relação entre Eucaristia e indissolubilidade do matrimónio. As pessoas que celebraram o sacramento do matrimónio, se divorciaram e contraíram novas núpcias encontram-se numa situação delicada. O documento confirma a prática de não admitir à reconciliação e à Eucaristia as pessoas que se encontram nessas condições. No entanto, diz que são “dolorosas situações”, e que essas pessoas continuam a pertencer à Igreja que as acompanha com solicitude. Mas podem tomar parte na Missa sem ir à comunhão, podem participar na adoração eucarística, na oração, são convidadas à cooperação na vida comunitária. Recomenda muito que se agilizem os tribunais eclesiais em ordem a uma eventual resolução jurídica da questão. Em caso de impossibilidade desta, podem regressar aos sacramentos, se decidirem viver como irmão e irmã, sem possibilidade de serem abençoadas estas relações.

É uma situação dolorosa para a moral e a pastoral. O que mais podemos esperar é que os princípios anteriormente expostos sobre o caminho da reconciliação possam dar frutos neste campo. A Eucaristia é sempre celebrada por pecadores, ministros incluídos. Foi para pecadores em caminho de justificação que foi instituída. E é justo igualmente afirmar que nenhuma situação humana se encontra fora do âmbito de eficácia da acção redentora de Cristo. Por isso, a exclusão destes fiéis não pode ser definitiva, nem podem razões jurídicas sobrepor-se à eficácia da graça divina. Por isso, ousamos afirmar que, para as pessoas recasadas para quem não existe solução no foro externo, não está excluída a possibilidade de resolver esta questão no foro interno, depois de uma aturada e sanante experiência de reconciliação.

Esta proposta é tanto mais justificada quanto o documento fala de um modo muito belo de Eucaristia e transformação moral¹⁸. Citando João Paulo II (*Veritatis Splendor*), segundo o qual a vida moral “possui o valor de um ‘culto espiritual’ (Rm 12, 2; Fl 3, 3) que brota e se alimenta daquela fonte inesgotável de santidade e glorificação de Deus que são os sacramentos, especialmente a Eucaristia...”. A vida moral, neste sentido, é “a fé activa”: não existe distância entre os actos e a pessoa, nem entre a vida espiritual e a vida moral. Bento XVI previne contra qualquer interpretação

¹⁸ SC, 82.

“moralística” destas afirmações, como se o ser humano pudesse, pelas suas forças, conquistar a perfeição. Pelo contrário, é “descoberta feliz do dinamismo do amor no coração de quem acolhe o dom do Senhor, abandona-se a ele e encontra a verdadeira liberdade”. O anúncio da liberdade sempre acrescida, como diz o n. 78, é o conteúdo da evangelização das culturas, mesmo da cultura cristã. O “culto espiritual” (*logiké latreía*) implica, no pensamento do nosso Papa, uma provocação às culturas e à razão, mesmo à razão da teologia moral, para irem mais longe na sua lógica e nos seus critérios éticos, no confronto com Cristo, plenitude da realidade.

Prolongando este contexto, há também uma referência às implicações sociais do mistério eucarístico. A Eucaristia, lembra o documento, tem relação com a liberdade e com as liberdades¹⁹. O encontro eucarístico de Cristo com o ser humano instaura a liberdade transcendental. Elevado à dignidade de conviva com o próprio Deus, o ser humano tem de viver de acordo com essa liberdade. Ocorre lembrar como a possibilidade de celebrar a Eucaristia é uma exigência de liberdade e um compromisso com a liberdade, nomeadamente com a liberdade religiosa. O Papa Bento XVI trata disso muito bem no seu livro sobre a liturgia²⁰. É necessário ir ao deserto para celebrar o culto. Debaixo do domínio do Faraó não se pode celebrar o encontro com Deus. Daí a celebração da Eucaristia ser o sinal da liberdade e o compromisso com o combate pela liberdade, em todos os seus aspectos. Só pessoas livres e reconhecidas na sua dignidade e cidadania podem celebrar a Eucaristia como Jesus nos pediu em sua memória. O documento fala do sentido social do domingo, enquanto sinal social do respeito pelo ser humano trabalhador²¹. O domingo é o dia do tempo libertado, o dia de repouso de Deus. Na Igreja, é o dia do Senhor, o dia da ressurreição. A Igreja conseguiu, desde a Idade Média, organizar o tempo social na base do respeito pelo domingo e pelo repouso dominical. Desde a revolução industrial, isso constitui de novo uma dificuldade. Na sociedade de serviços que somos cada vez mais, não parece possível manter esse repouso dominical para todos. Há solução possível que não seja desprezar a dignidade dos trabalhadores? Haveria algumas soluções. A primeira seria exigir até ao máximo o repouso dominical para o maior número possível de trabalhadores.

¹⁹ SC, 87.

²⁰ J. RATZINGER, *Introduzione allo spirito della liturgia*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 2001, 9-19.

²¹ SC, 72-74.

Outra seria inverter os termos do problema e pensar o Dia do Senhor como o dia em que celebramos a Eucaristia. Em conformidade, a solução seria convocar para a Eucaristia as pessoas no dia em que estão livres do trabalho e exigir o respeito pelo descanso semanal de todos os trabalhadores, mesmo que esse não seja cronologicamente o domingo mas outro dia da semana.

Há um outro ponto muito importante quanto às implicações sociais da Eucaristia. A celebração eucarística foi sempre ocasião de partilha de bens destinados ao socorro dos pobres, à sustentação do clero, às despesas do culto. Isso não aparece no texto. Mas é um aspecto importante da missão social. A recolha de ofertas é um gesto, um sinal do sentido teológico dos bens da terra. Estes servem para exprimir, aprofundar e celebrar a comunhão de origem e de destino de todos os seres humanos. Dar importância a este aspecto é de muita actualidade, pastoralmente falando. Assim se supera a visão estreita do estipêndio, do destino do dinheiro das intenções acumuladas.

Conclusão

Podemos concluir com S. Ireneu de Lyon: “Do mesmo modo que o pão que vem da terra, depois de receber a invocação de Deus, já não é pão ordinário mas eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrestre e uma celeste, assim os nossos corpos que participam da eucaristia já não são corruptíveis, uma vez que têm a experiência da ressurreição”²². Importa que a missão da Igreja seja compreendida como iniciação à experiência eucarística, uma aceitação da proximidade do Ressuscitado que distribui a vida e a liberdade. E que a palavra teológica seja a inteligência crente deste facto originário, que seja uma palavra de Vida e não apenas uma palavra do mundo.

²² IRENEU DE LYON, *Adversus Haereses*, IV, 18, 5, SC 100, 611.613.